

6

Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

[Artigo 6, páginas de 89 a 99]

**Bibiana Graeff**

Professora do Curso de Graduação e de Pós-Graduação em Gerontologia da EACH/USP e doutora em direito (Université Paris 1, Panthéon Sorbonne/UFRGS).

bibiana.graeff@usp.br

Thaíssa Araujo de Bessa

Gerontóloga, mestra em saúde coletiva e doutoranda em saúde pública na Faculdade de Saúde Pública da USP.

thaissa.bessa@hotmail.com

Wellington R. N. Toprelli

Jornalista, mestrando em gerontologia na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

wellington.torelli@sescsp.org.br

RESUMO

Ainda há pouca visibilidade para as velhices LGBTQIA+ dentro e fora da comunidade arco-íris. A supervalorização da juventude reflete-se nos grandes eventos LGBTQIA+, que muitas vezes esquecem de pautar as velhices, como a Parada do Orgulho Gay, que acontece todo o mês de junho e já chegou a reunir em São Paulo um dos maiores públicos no mundo. O estereótipo de que ser pessoa idosa é sinônimo de não ter sexualidade condena as pessoas mais velhas, e ainda mais aquelas que não correspondem aos padrões hétero e cis normativos, a serem esquecidas nas diversas leis e políticas públicas como também em levantamentos censitários que fomentem políticas públicas de saúde e assistência social, tanto para a população idosa quanto para a comunidade LGBTQIA+. Com base em estudos internacionais e nacionais, este ensaio explora a hipótese do agravamento da vulnerabilidade desta parcela da comunidade idosa de sexualidade e identidade sexual divergente que pode se ver compelida a “voltar para dentro do armário” em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) brasileiras.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI); minorias sexuais e de gênero; pessoa idosa.

ABSTRACT

There is still little visibility for LGBTQIA+ old age, inside and outside the rainbow community. The overvaluation of youth is reflected in the great LGBTQIA+ events that often forget to guide old age, such as the Gay Pride Parade, which takes place throughout June and has already brought together one of the largest audiences in the world in São Paulo. The stereotype that being an older person is synonymous with not having sexuality condemns older people, and even more those who do not correspond to the hetero and cis normative standards, to be forgotten by various laws and public policies as well as census surveys that promote policies public health and social assistance, both for the older population and for the LGBTQIA+ community. Based on international and national studies, this essay explores the hypothesis of the worsening vulnerability of this part of the older community with divergent sexuality and sexual identity that may be compelled to “come back inside the closet” in long-stay institutions for the older people (LTC)¹ brazilians.

Keywords: nursing home; homes for the aged; sexual and gender minorities; aged.

¹ LTC refere-se ao termo *Long Term Care*, que é o mais referendado nos indexadores de busca internacionais e anglófonos.

INTRODUÇÃO

A supervalorização da juventude associada aos atributos de exuberância e força no contexto da sociedade capitalista (SILVA, 2022) pode estar na origem de situações de negação da velhice e de idadismo em relação às pessoas idosas. No cenário LGBTQIA+ essa idolatria em relação ao jovem também se manifesta (ROSATI, 2021), dificultando uma maior integração intergeracional.

Na cena LGBTQIA+, nos movimentos e ONGs voltados ao orgulho e à defesa desse público e até mesmo na Parada do Orgulho LGBT realizada em diversas partes do mundo ainda se vê pouca ou nenhuma representatividade das pessoas idosas. Um exemplo dessa lacuna é o caso da Parada da cidade de São Paulo, uma vez que, desde sua primeira edição, seus lemas anuais nunca pautaram a discussão das velhices LGBTQIA+ (CARVALHO, 2021).

No Brasil, em relação a organizações ou movimentos sobre população idosa LGBTQIA+, embora tenha havido discreta mobilização desde os anos 1970 com o grupo OK no Rio de Janeiro, não houve, nas décadas seguintes, uma expressiva expansão em torno dessa causa específica. Não obstante, é de se destacar hoje o trabalho da ONG Eternamente Sou, que viabiliza discussões, encontros, lançamentos de livros, palestras e rádios on-line que prestam serviços de apoio a pessoas idosas LGBTQIA+ no país.

Outro fator que pesa para o desamparo da comunidade prateada LGBTQIA+ brasileira é a inexistência de leis que atendam especificamente às demandas dessas populações. Boa parte dos avanços dos direitos civis LGBTQIA+ – como a união homoafetiva ou a equiparação do crime de homofobia ao racismo – tiveram mais propulsão e avanços por conta de decisões judiciais do que por implementação de leis por parte do Poder Legislativo (ORTIZ, 2022), reflexo do embate e atravancamento dos progressos e andamentos dos projetos de leis por bancadas conservadoras.

Um outro problema é a falta de dados que possam subsidiar tomadas de decisão para políticas públicas. O censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em andamento neste ano de 2022, não permite que seja realizado um mapeamento da população LGBTQIA+ no país. O órgão justifica a lacuna pela metodologia adotada, que só permite a descrição de todos os moradores do domicílio por apenas um dos membros, o que poderia gerar viés, uma vez que moradores LGBTQIA+, que comumente vivem “no armário”, ou seja, ocultam sua identidade dos demais membros da família, não seriam

Artigo 6

Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em
Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

2 Marco de uma revolta de frequentadores de um bar gay de Nova York que constantemente era alvo de batidas e violência policial no final dos anos 1960. O dia 28 de junho de 1969 foi o estopim para diversas outras manifestações de protesto pela comunidade LGBT no país e no mundo. A data 28 de junho passou a ser celebrada como o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ em homenagem a estes episódios marcantes na luta da comunidade gay pelos seus direitos.

contabilizados (BARROS, 2022). O único dado nacional disponível atualmente foi levantado para o Programa Nacional de Saúde, que apresenta em seu questionário uma questão sobre a orientação sexual (BARROS, 2022); todavia, o percentual encontrado mostrou-se muito aquém dos números internacionais que vêm sendo encontrados (TOLLEY, 2006).

A literatura internacional sobre a comunidade LGBTQIA+ é expressiva em países que se destacaram como vanguardistas na defesa de direitos dessa população, bem como na criação de instituições ou ONGs que fiscalizam o cumprimento das leis e políticas públicas, desde os tempos da revolta de Stonewall² (MORALES et al., 2018). No entanto, estudos voltados à população idosa LGBTQIA+ apenas ganharam fôlego nos primeiros anos do século XXI, na pós-epidemia do HIV/AIDS que estigmatizou ainda mais a população LGBTQIA+.

No Brasil, a realização de estudos relacionando o envelhecimento e a velhice – a gerontologia – e a população LGBTQIA+ ainda é incipiente (HENNING, 2021). E falando especificamente da pessoa idosa LGBTQIA+ brasileira, mesmo existindo importantes leis voltadas diretamente ao público idoso, como a Política Nacional do Idoso (PNI) de 1994 e o Estatuto da Pessoa Idosa de 2003, nenhuma delas faz referência específica em seus artigos sobre direitos a esse segmento da população idosa.

Em 2020, a pandemia do vírus SARS-CoV-2, a covid-19, trouxe para os holofotes a população idosa, grupo etário mais vulnerável à doença. Não obstante a emergência da pandemia e do debate em torno da vulnerabilidade das pessoas idosas, muitas vezes apenas a idade esteve em foco, esquecendo-se de outros aspectos que marcam a heterogeneidade das velhices. Um dos estereótipos que se destacam da abordagem homogeneizadora em relação a pessoas idosas é a de que a velhice seria assexuada (DUNE, 2020; FENGGE, 2018). Nesse contexto, as pessoas idosas LGBTQIA+ são uma minoria perpassada por um nível ainda mais profundo de não reconhecimento. Como bem expressa Ortiz (2022):

[...] as velhices LGBTQIA+ expressam uma dupla invisibilidade na sociedade, por um lado, por serem expressões e identidades sexuais não hegemônicas, por outro, pela marginalização e desvalorização do idoso, fazendo que esse tema ausente tanto da pauta de quem defende as pessoas idosas, quanto de quem milita pelos direitos dos indivíduos LGBTQIA+ (ORTIZ, p. 212, 2022).

A população idosa LGBTQIA+ enfrenta uma interseccionalidade de preconceito social, sofrendo idadeísmo, misoginia, desigualdade social, homofobia e transfobia (PHILLIPS; MARKS, 2006). A invisibilidade e a discriminação vivenciadas durante a vida são determinantes para essa população, haja vista que desencadeiam uma série de desvantagens, como o fato de, muitas vezes, não terem apoio da estrutura familiar e social que propicie acesso a níveis educacionais, de saúde e segurança que lhes ofereçam oportunidades, tendo uma maior chance de necessitar de serviços formais de cuidados na velhice (ERDLEY, 2014).

No Brasil, o principal equipamento de acolhimento formal de pessoas idosas no país são as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), que de acordo com a Resolução de Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 502, de 27 de maio de 2021 (BRASIL, 2021) são:

Instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania (BRASIL, 2021, art. 3º).

Mas será que o perfil de ILPI que temos no país estão preparadas para acolher a população LGBTQIA+ idosa?

LAR PARA TODES?

Os moradores das ILPI apresentam variados graus de dependência e multimorbidades – *diabetes mellitus*, cardiopatias, hipertensão arterial, doenças pulmonares e outras (FERNANDES et al., 2021) – e geralmente procuram este equipamento devido ao agravamento da complexidade do cuidado de que necessitam (WATANABE, 2010).

Em dados gerais, ao menos 1% da população idosa do país reside nas ILPI (WATANABE; DOMINGUES & DUARTE, 2020). Verifica-se continuamente um aumento dessa procura por acolhimento, situação que se agrava diante da carência de vagas (SCHERRER JR., 2022).

No caso das pessoas idosas LGBTQIA+, devido à situação de vulnerabilidade enfrentada desde muito cedo ao longo da vida, as ILPI podem se tornar uma das poucas ou as únicas opções de residência durante a velhice (FREDRIKSEN-GOLDSSEN et al., 2015). Porém, devido a um conjunto de preceitos que envolvem conceitos morais (heterossexismo,

3 Termo que faz parte da nomenclatura neutra, em que os termos coletivos binários “todas” para somente integrantes femininos e “todos” que englobam somente masculinos ou os dois grupos binários são substituídos pela forma de tratamento “todes”, que visa englobar os gêneros que transitam nas duas identidades.

Artigo 6

Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em
Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

4 Este conceito de comunidade arco-íris que se refere ao termo inglês *rainbow* é adotada pela literatura acadêmica internacional, principalmente dos países anglófonos, que foram vanguarda mundial nos estudos destas populações.

machismo patriarcal) (SIMPSON, 2017) ou religiosos (WILLIS, 2018), que muitas vezes regem a política institucional das ILPI (ROSATI et al., 2021; HUGHES, 2009), os residentes LGBTQIA+ se transformam em alvos de situações de preconceito e discriminação (WEBB & ELPHICK, 2017).

Por serem dissidentes da sexualidade ou da identidade de gênero normativa, muitas vezes recorrem ao que, no ambiente arco-íris⁴, chama-se de “voltar ao armário”, ou seja, não assumem sua identidade de gênero e/ou orientação sexual (WEBB & ELPHICK, 2017). E o fazem tanto para serem aceitos nessas instituições como também – uma vez lá dentro – para não serem alvos de outros residentes com agressões verbais e físicas e/ou, por parte dos funcionários, de um tratamento e não atendimento de qualidade às suas necessidades (AMERICAN GERIATRICS SOCIETY ETHICS COMMITTEE, 2015).

As próprias ILPI não vislumbram a demanda do público LGBTQIA+ (HUGHES, 2009), o que incide na falta de mecanismos de assistência e atendimento adequado a essa população nesses ambientes. Essa carência também é vista na formação acadêmica e de cursos de capacitação a profissionais, que podem atender ou já atenderam em algum momento as demandas específicas deste público (ERDLEY, 2014).

Assim como atesta Fernandes (2018) em relação às ILPI, pessoas idosas LGBTQIA+ ao invés de encontrarem acolhimento em um momento delicado – ao ter de deixar seu lar para conviver num ambiente coletivo – encontram em sua nova morada um ambiente tóxico:

O simples fato de ser velho não abrandava o preconceito de ninguém. Os idosos LGBT que já vivem em heterosilos são levados a passar os últimos anos de suas vidas na clandestinidade, perdendo a vontade de viver, com depressão e se sentindo sozinhos, pois são discriminados, ridicularizados e ofendidos pelos outros idosos e por funcionários. Haverá uma solução para isso? (FERNANDES, 2018, p. 118).

O idadismo alimenta um estereótipo de as pessoas idosas serem todas assexuais e dificulta a configuração de uma solidariedade intergeracional dentro da própria comunidade LGBTQIA+. A literatura aponta que ILPI, profissionais ou usuários destes equipamentos reproduzem manifestações de preconceito, estereótipos, normas morais e crenças religiosas que geram violência e exclusão em relação a pessoas idosas LGBTQIA+. Questiona-se então: quais as estratégias de enfrentamento desse problema?

UM LAR ARCO-ÍRIS?

Já existem ILPI e residenciais particulares voltados exclusivamente a pessoas idosas LGBTQIA+ em diversos países, a exemplo de Suécia, Reino Unido e Estados Unidos. No entanto, muitos desses lares esbarram no alto custo financeiro, que grande parte desta população não tem condições de assumir, por conta do enfrentamento de dificuldades financeiras ao longo da vida. Em Madri, na Espanha, desde 2019, há uma primeira ILPI pública voltada a esta comunidade, amparada pela ONG *Fundación 26 de Diciembre: Mayores LGTB*⁵.

No Brasil, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), um levantamento feito em 2017 indicou a existência de cerca de 1.453 ILPI no país (SCHERRER JR., 2022). Ainda neste mapeamento, a região Sudeste é a que concentra 57,69% dos estabelecimentos. Não há dados sobre a existência de ILPI LGBTQIA+ neste levantamento.

Já a cidade de São Paulo oficialmente contava com cerca de 573 ILPI entre públicas e privadas (CÔRTE, 2021), nenhuma voltada especificamente para o público LGBTQIA+. Porém, recentemente, o Projeto de Lei nº 01-00433/2022, publicado no Diário Oficial da Assembleia Legislativa de São Paulo em 4 de agosto de 2022, de autoria da vereadora Érika Hilton, prevê a criação de uma ILPI pública para pessoas idosas LGBTQIA+ no município, o chamado “Lar Transversal” (SÃO PAULO, 2022).

No contexto brasileiro atual, de não planejamento e carência de vagas para a população idosa em geral, independentemente da questão da identidade de gênero ou da orientação sexual (SCHERRER JR., 2022), o projeto de um novo perfil de equipamento voltado exclusivamente ao público LGBTQIA+ se torna ainda mais desafiador⁶. No entanto, tal medida vai ao encontro da Convenção Interamericana de Direitos Humanos das Pessoas Idosas de 2015, assinada embora ainda não ratificada pelo Brasil, que prevê em seu artigo 5º que os Estados-partes devem desenvolver políticas específicas para a população idosa em situação de vulnerabilidade e de dupla discriminação, tal como as pessoas idosas LGBTQIA+.

Pesquisas internacionais apontam que não há um consenso na comunidade arco-íris sobre existir ILPI específicas para o público LGBTQIA+. Enquanto uns defendem que é uma garantia de segurança não sofrer maus-tratos dos demais residentes ou discriminação no atendimento de funcionários (PRICE, 2012), outros acham que a separação vai reforçar a noção de gueto e preferem ambientes inclusivos que não sejam exclusivamente reservados a residentes LGBTQIA+ (PUTNEY, 2021).

⁵ Mais informações em <https://fundacion26d.org/>.

⁶ No quesito do quadro funcional, um outro desafio que perpassa o horizonte de atendimento qualificado nas ILPI se refere à atual reformulação do piso salarial de profissionais da enfermagem, que pode dificultar a sua presença em ILPI. No Brasil, muitas dessas instituições se caracterizam pela filantropia e possuem verbas limitadas para a folha de pagamento dos profissionais e seus eventuais reajustes. Isso poderia incidir na diminuição desses profissionais especializados, podendo impactar na qualidade do atendimento destes equipamentos.

Artigo 6Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em
Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

Já o contato com outras pessoas LGBTQIA+, uma maior exposição midiática e os avanços de conquistas de direitos da população LGBTQIA+ (DONALDSON, 2014) podem surtir efeito positivo junto às gerações mais jovens de profissionais, visto que os mesmos são mais assertivos no tratamento inclusivo em relação às condições de gênero e sexualidade dissidentes (VILLAR, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado explicita a existência de grandes desafios em relação ao acolhimento institucional de pessoas idosas LGBTQIA+. No contexto brasileiro, é preciso produzir dados e fomentar estudos que auxiliem a responder às seguintes perguntas fundamentais: a formação oferecida, em especial nos cursos da área da saúde, prepara os profissionais para atender uma população idosa diversa? As ILPI estão preparadas para acolher a população idosa LGBTQIA+? Temos recomendações gerais para a implementação de políticas internas nas ILPI visando a acolher essa população?

Criar ILPI exclusivas para a população idosa LGBTQIA+ é um dos caminhos e um importante passo para o enfrentamento da questão, mas certamente não é o único. É preciso capacitar e educar as equipes, o público idoso e as pessoas em geral para desconstruir o preconceito, criando ambientes de diversidade inclusivos a todas as pessoas, independentemente de suas diferenças.



É de se destacar hoje o trabalho da ONG Eternamente Sou, que viabiliza discussões, encontros, lançamentos de livros, palestras, rádios on-line que prestam serviços de apoio a pessoas idosas LGBTQIA+ no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERICAN Geriatrics Society Ethics Committee. American Geriatrics Society care of lesbian, gay, bisexual, and transgender older adults: position statement. *British Journal of Healthcare Assistants*, v. 9, n. 7, p. 344-349, 2015.
- BARROS, A. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. *Agência IBGE Notícias*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BRASIL. *Resolução RDC n. 502, de 27 de maio de 2021*. Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdco502_27_05_2021.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.
- CARVALHO, K. Parada LGBTI+: relembre a história e temas anteriores. *Observatório G*, 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/parada-lgbt/parada-lgbti-relembre-a-historia-e-temas-anteriores>. Acesso em: 21 set. 2021.
- CÔRTE, B.; MORGADO, F.; MICHELIN, A. G. S.; FONSECA, S. C.; SANTOS, V.; QUEIROZ, A. Jornada do usuário: barreira de acesso aos serviços públicos. In: *A pessoa idosa na cidade de São Paulo: subsídios para a defesa de direitos e controle social*. 1 ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2021.
- DONALDSON, W. V.; ASTA, E. L.; VACHA-HAASE, T. Attitudes of heterosexual assisted living residents toward gay and lesbian peers. *Clinical Gerontologist*, v. 37, n. 2, p. 167-189, 2014.
- DUNE, T. et al. Are services inclusive? A review of the experiences of older GSD women in accessing health, social and aged care services. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 11, p. 3.861, 2020.
- ERDLEY, S. D.; ANKLAM, D. D.; REARDON, C. C. Breaking barriers and building bridges: understanding the pervasive needs of older LGBT adults and the value of social work in health care. *Journal of Gerontological Social Work*, v. 57, n. 2-4, p. 362-385, 2014.
- EKERDT, D. J. Gerontology in five images. *The Gerontologist*, v. 56, n. 2, p. 184-192, 2016.
- FERNANDES, D. S. et al. Atuação de movimentos sociais e entidades na pandemia da covid-19 no Brasil: o cuidado à pessoa idosa em Instituições de Longa Permanência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 24, 2021.
- FENG, L.-A.; JONES, K.; GIBSON, C. Meaningful dissemination produces the “long tail” that engenders community impact. *Qualitative Research Journal*, 2018.

Artigo 6

Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em
Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

- FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K. I.; KIM, H.-J.; SHIU, C.; GOLDSSEN, J.; EMLET, C. A. Successful aging among LGBT older adults: physical and mental health-related quality of life by age group. *The Gerontologist*, 55(1), p. 154-168, 2015.
- GOVERNO do Estado de São Paulo. Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão, SGP-4, 2022. *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, 2022. São Paulo, v. 67, n. 146, p. 111.
- HENNING, C. E. A expansão do orgulho grisalho e da gerontologia e geriatria LGBTI+ no Brasil. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. *Introdução às velhices LGBTI+*. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2021.
- HUGHES, M. Lesbian and gay people's concerns about ageing and accessing services. *Australian Social Work*, v. 62, n. 2, p. 186-201, 2009.
- KNAUER, N. J. Gen silent: advocating for LGBT elders. *Elder LJ*, v. 19, p. 289, 2011.
- MORAES, E. N.; VIANA, L. G.; RESENDE, L. M. H.; VASCONCELLOS, L. S.; MOURA, A. S.; MENEZES, A.; MANSANO, N. H.; RABELO, R. COVID-19 in long-term care facilities for the elderly: laboratory screening and disease dissemination prevention strategies. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3.445-3.458, 2020.
- MORALES, M. J. et al. The greater St. Louis LGBT health and human services needs assessment: an examination of the silent and baby boom generations. In: *Community-Based Research on LGBT Aging*. Routledge, , 2017.
- ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde (OMS). *Década do Envelhecimento Saudável, 2020-2030*. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/final-decade-proposal/decade-proposal-final-apr2020-en.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.
- ORTIZ, S. R. M.; OLIVEIRA, W. F.; BRANDÃO, S. S. A.; ANDRADE, F. Z.; LONGO, P. L. Velhice LGBTQIA+ e a luta contra o idadismo e a LGBTQIA_fobia. In: MONTIEL, J. M. et al. (org.). *Envelhecimento: questões atuais*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2022, p.
- PHILLIPS, J.; MARKS, G. Lésbicas envelhecidas: discursos marginalizantes e exclusão social na indústria de cuidados a idosos. *Journal of Lesbian and Gay Social Services*, 20, 1/2, p. 187-202,
- PRICE, E. Gay and lesbian carers: ageing in the shadow of dementia. *Ageing & Society*, v. 32, n. 3, p. 516-532, 2012.
- PUTNEY, J. M. et al. The housing needs of sexual and gender minority older adults: implications for policy and practice. *Journal of Homosexuality*, v. 68, n. 14, p. 2.375-2.392, 2021.

- ROSATI, F.; PISTELLA, J.; BAIOTTO, R. Italian sexual minority older adults in healthcare services: identities, discriminations, and competencies. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 18, n. 1, p. 64-74, 2021.
- SCHERRER, J. G.; DUTRA, L. N. L.; COUTINHO, P. M.; QUEIROZ, I. P. S.; BRECH, G. C. Instituição de longa permanência no Brasil. In: MONTIEL, J. M. et al. (org). *Envelhecimento: questões atuais*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2022, p. 208-226.
- SILVA, M. T. Gestão de identidades de marca: apontamentos sobre propaganda, cultura jovem e imaginário. *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 307-326, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2022.
- SIMPSON, P. et al. Old (er) care home residents and sexual/intimate citizenship. *Ageing & Society*, v. 37, n. 2, p. 243-265, 2017.
- TOLLEY, C.; RANZI, R. Predictors of heteronormativity in residential aged care facilities. *Australasian Journal on Ageing*, v. 25, n. 4, p. 209-214, 2006.
- VILLAR, F. et al. Disclosing a LGB sexual identity when living in an elderly long-term care facility: common and best practices. *Journal of Homosexuality*, v. 66, n. 7, p. 970-988, 2019.
- WATANABE, H. A. W. Atenção ao idoso em instituições de longa permanência. In: DOMINGUES, M. A.; LEMOS, N. D. *Gerontologia: os desafios nos diversos cenários da atenção*. Barueri: Manole, 2010, p. 470-482.
- WATANABE, H. A. W.; DOMINGUES, M. A. R. C.; DUARTE, Y. A. O. COVID-19 and homes for the aged: care or an announced death? *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 14, n. 2, p. 143-145, 2020.
- WEBB, E.; LPHICK, L. Yesterday once more: discrimination and LGBTI+ seniors. *Monash University Law Review*, v. 43, n. 2, p. 530-566, 2017.
- WILLIS, P. et al. Turning the co-production corner: methodological reflections from an action research project to promote LGBT inclusion in care homes for older people. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 15, n. 4, p. 695, 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Decade of healthy ageing 2020-2030. *Update*, v. 5, 2020. Disponível em: <https://epale.ec.europa.eu/sites/default/files/decade-proposal-final-apr2020-en.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.